

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CENTRO DE ARTES E ARQUITETURA
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

BRUNA SCHERNER DA SILVA

**SER CRIATIVO: PROCESSOS E INFLUÊNCIAS DA CRIATIVIDADE
NA VIDA, NA ARTE E EDUCAÇÃO**

**CAXIAS DO SUL
2018**

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CENTRO DE ARTES E ARQUITETURA
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

BRUNA SCHERNER DA SILVA

**SER CRIATIVO: PROCESSOS E INFLUÊNCIAS DA CRIATIVIDADE
NA VIDA, NA ARTE E EDUCAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para de
conclusão do curso de Licenciatura em
Artes Visuais da Universidade de Caxias do
Sul.

Orientadora Profa. Me. Sinara Maria Boone

**CAXIAS DO SUL
2018**

BRUNA SCHERNER DA SILVA

**SER CRIATIVO: PROCESSOS E INFLUÊNCIAS DA CRIATIVIDADE
NA VIDA E NA ARTE E EDUCAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para de conclusão do
curso de Licenciatura em Artes Visuais da
Universidade de Caxias do Sul.
Orientadora Profa. Ma. Sinara Maria Boone

Aprovada em 10/ 12 /2018

Banca Examinadora

Profa. Ma. Sinara Maria Boone (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul-RS

Profa Ma. Cláudia Zamboni de Almeida (Convidado)
Universidade de Caxias do Sul-RS

O ato criador é a maior expressão da mestria humana da co-criação.
Bruna Scherner da Silva

RESUMO

Nesta pesquisa buscou-se compreender a conceituação de criatividade e os fatores influenciadores nos processos criativos. Para isso, investigou-se, bibliograficamente a trajetória epistemológica da criatividade nas diferentes abordagens. Analisou as influências individuais e externas à criação, verificando também se há possibilidade do desenvolvimento da criatividade e como a disciplina Arte pode auxiliar nesses processos, instigando, os professores a desenvolverem um novo olhar para seu ambiente escolar, e a entenderem como auxiliar os estudantes em seus processos criativos.

Palavras-chave: criatividade, processos, criação, desenvolvimento da criatividade, Arte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura1- Modelo educacional, adaptado de Clark (1986)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	01
2	CRIATIVIDADE.....	04
2.1	CONCEITO DE CRIATIVIDADE.....	04
2.2	PROCESSO CRIATIVO.....	07
3	DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE.....	11
3.1	TEORIAS SOBRE CRIATIVIDADE E DESENVOLVIMENTO.....	11
4	CRIATIVIDADE E INFLUÊNCIAS.....	23
4.1	CRIATIVIDADE NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE E INFLUÊNCIAS.....	23
4.2	PROCESSOS CRIATIVOS E INDIVIDUALIDADE.....	27
4.3	INFLUÊNCIAS EXTERNAS NO PROCESSO CRIATIVO.....	30
5	CRIATIVIDADE, ARTE E AMBIENTE ESCOLAR.....	33
5.1	O PAPEL DA ARTE NO ESTÍMULO E INFLUÊNCIA SOBRE SUJEITOS CRIATIVOS.....	33
5.2	A CRIATIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL: ESTÍMULOS CRIATIVOS.....	38
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
	REFERÊNCIAS.....	45

1. INTRODUÇÃO

Criar é algo inerente ao ser humano. Desde os primórdios da existência há relatos de intenção criativa presente no homem. Da pré-história à contemporaneidade, a criatividade é apresentada por historiadores como um dos elementos mais importantes para a evolução humana. Foi constatada, por meio dos utensílios achados, a presença da criatividade ainda nas primeiras representações humanas. Como exemplo temos o *Homo Habilis*, que segundo De Masi (2003) “os utensílios encontrados junto aos resquícios dessa civilização representaram o primeiro salto da natureza rumo à cultura, uma das primeiras expressões da criatividade humana” (p.37). Nesse momento, percebeu-se a ação, capacitando a humanidade a evoluir. Mais adiante conhecemos o Homem de Neandertal, que desenvolveu os conceitos de família e linguagem. O que caracteriza outro exemplo da criatividade e inovação rompendo com padrões de comodidade, e esse rompimento ou busca, é o ato de tornar-se criador, ou seja, trazendo outro padrão de existência àquele já conhecido e cômodo. Ser um sujeito criativo implicaria em ser curioso, em modificar o entorno e si mesmo.

Também observou-se que no início da humanidade conviver em sociedade foi um ato determinante à sobrevivência. Desde então constituíram-se certos princípios que demandaram certa criatividade e que norteavam a construção e permanência nesses grupos. Com isso, o homem sofreu influência para permanecer nos grupos, o que de certa maneira determinou a sua sobrevivência neles.

Com o *Homo Sapiens Sapiens*, De Masi (2003) apresenta um elemento-chave para a sobrevivência da espécie: a capacidade de reconhecer a si mesmo e a de identificar seus conhecimentos. Com esse diferencial, conseguiram dar continuidade às suas criações, passando-as para as próximas gerações. Por meio da convivência em grupo, se instalou o que denominamos atualmente de “sociedade”. E também foi com o *Homo Sapiens Sapiens* que a criação pictórica, até onde conhecemos, se instaurou.

Percebe-se então a importância da criatividade para continuação da espécie e

melhoria de vida, o que não diminuiu com o passar dos tempos, mas modificou-se, adequando-se a cada época e as diferentes necessidades humanas. Instalaram-se, os conceitos de sociedade, e junto aos processos de criatividade, as influências da sociedade sobre o sujeito. Com estes exemplos históricos, pode-se dar introdução a ideia da inerência da criatividade no homem, que faz parte de uma das questões norteadoras da pesquisa.

Por meio de pesquisa bibliográfica, pretende-se investigar algumas das relações que envolvem a criatividade. Foram questões iniciais desta pesquisa:

- Ouve-se dizer que a criatividade sempre esteve associada a altas inteligências, e atos criativos e artísticos. Como pode-se ampliar a compreensão do que envolve a criatividade e seus processos?
- De que maneira compreender a criatividade e seus processos pode auxiliar a melhorar as práticas no contexto de sala de aula em relação a processos artísticos?
- Como a arte pode ampliar e enriquecer as relações criativas em sala de aula e na vida?

Para se chegar às respostas, ou estudo sobre estas questões, iniciaremos buscando compreender o conceito de criatividade e o que é ser criativo, abordando também alguns momentos em que a criatividade esteve presente na história da humanidade. Também traremos algumas abordagens referentes ao desenvolvimento da criatividade, em busca da resposta da possibilidade de desenvolvê-la ou não.

Também serão apresentadas algumas possibilidades de influência sobre os processos criativos, como: individualidade e fatores externos. Para explicar Amabile (1983 apud WECHSLER, 1998) destaca que “não podemos estudar a criatividade sem uma visão ampla da sociedade na qual o indivíduo está inserido” (p. 45), no caso os fatores externos. O domínio da sociedade na qual o sujeito insere-se, exercendo influência sobre seus padrões de julgamento e personalidade. Um sujeito criativo necessita distanciar-se do padrão, ou seja, do comum, do rotineiro, e mesmo com essa

mudança de pensamento, os fragmentos da sociedade marcam sua construção como indivíduo, e acabam por interferir nos processos criativos e na definição de quem é ou não criativo.

Nesse estudo, ao abordarmos a criatividade, não especificando somente a criatividade artística, pois parte-se do princípio de que a criatividade está presente em tudo que o homem busca inovar em seu tempo e para além dele, por isso, a ênfase dessa pesquisa se dará na compreensão da criatividade em geral, mas também em alguns contextos específicos, como o contexto artístico e escolar e suas transformações ao longo da história. Por fim, abordaremos a criatividade no contexto escolar, trazendo influências e possibilidades de auxílio ao desenvolvimento da criatividade.

Espera-se que esse estudo possa confirmar a hipótese de que há a presença do ato criador em todos os seres humanos, ideia motivadora apresentada em um estudo dos escritos de Wechsler¹ (1998) que afirmou que “toda pessoa tem capacidade criativa e cada pessoa tem maneiras diferentes de expressar sua criatividade” (p. 64) a partir de diferentes “fatores influenciadores, tais como: cognitivos; motivacionais; personalidade; históricas/ecológicas; desenvolvimentais; biológicas/químicas; acaso ou sorte”. (p.63).

Assim, traremos alguns desses elementos para a reflexão, abordando elementos como cultura, a sociedade e o ambiente em que o indivíduo está inserido, na tentativa de encontrar algumas respostas e possibilidades de teorias de auxílio na compreensão da criatividade na vida e no contexto escolar.

¹ Um dos primeiros autores a quem tive contato ao investigar o tema da criatividade e que me motivou na escrita deste trabalho.

2. CRIATIVIDADE

2.1 Conceito de criatividade.

“A criatividade é um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades”.

(OSTROWER, 1987, p.5).

Criatividade é uma capacidade que todos possuímos, em que podemos desenvolvê-la ou não. Esta capacidade acaba sendo associada apenas ao artístico, o que não é uma realidade, pois se todos a possuímos, logo não pode estar atrelada, somente, ao contexto artístico. Neste capítulo buscou compreender o que constitui um ser criativo e seus processos criativos.

Na história da humanidade, inúmeras descobertas criativas foram realizadas, em diferentes áreas, como: a física, a astrologia, as artes, a psicologia, a arquitetura, etc. A criatividade não se limitou apenas a criação artística, ela esteve presente no homem, e na sua história. Ostrower (1987) diz que:

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse ‘novo’, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. (p. 9).

Ou seja, o ato criador não se restringe apenas a criação artística, é o ato de formar e significar algo, nos processos criativos, o que nos torna seres criadores. O criar pode ocorrer em diferentes áreas, pois a criatividade está em nossa busca por soluções, por isso não está somente na produção artística. Alencar e Oliveira (2010 apud GARCÊS), afirmam que “a criatividade se encontra presente em todos os aspectos da vida cotidiana, especialmente na vida profissional e na educação, sendo, portanto um componente vital para que cada um de nós seja capaz de lidar eficazmente com os problemas e exigências crescentes da sociedade.” (p.19).

Muitas vezes nos atemos ao fato de a criação estar presente apenas nas habilidades artísticas da humanidade, as quais nem todos os seres humanos conseguem e/ou desejam desenvolver. Ostrower (1987) também afirma que “as potencialidades e os processos criativos não se restringem, porém, à arte” (p.5). Criar, portanto, vai além da construção de uma obra de arte, de uma música, de um livro. A criação faz parte de quem somos, e do que fazemos, das soluções diárias que desenvolvemos. Além do ato criador referir-se à criação do novo, do inédito, do extraordinário, esse ato pode ser um novo olhar para algo já existente. Kaufman, Pretz e Sternberg (2002 apud LUBART, 2002) explicam que:

Por definição, uma produção nova é original e imprevista quando se distingue pelo assunto ou pelo fato de outras pessoas não a terem realizado. Ela pode, contudo, ser nova em diferentes graus: ela pode não apresentar um desvio mínimo por relatar as realizações anteriores ou, ao contrário, revelar ser uma inovação importante. (p.16).

A criação pode se desenvolver através de uma nova significação para algo já construído, uma ideia já existente. O processo de dar significados faz parte da criação. Não necessariamente, a criatividade e o ato criador constituem apenas o inédito. Não podemos confundir com o ato de reproduzir. Criar é dar novos significados, seja para algo já existente ou não.

Inteligência é um outro conceito a ser analisado quando fala-se sobre criatividade e seus processos. Associa-se criatividade à inteligência, deduzindo que se uma pessoa é criativa é altamente inteligente. Gardner (1994) traz a teoria das Múltiplas Inteligências, que quebra com o paradigma de um sujeito ser ou não ser inteligente, apresentando nas definições das múltiplas inteligências diferentes habilidades, as quais, segundo ele, todos as possuímos. Pois acabamos associando criação com alta inteligência, e entender que possuímos habilidades e que podemos criar em todas habilidades ou inteligências, desassociando que a criatividade somente com genialidade e contexto artístico.

Se considerarmos essa premissa, perceberemos que nossas habilidades mais acentuadas fazem parte de um conjunto de inteligências distintas e/ou semelhantes, que destacam-se em contextos distintos. O autor as separa em seis: inteligência espacial, inteligência linguística, inteligência musical, inteligência lógico- matemática, inteligências pessoais e inteligência corporal cinestésica, elementos dos quais todos possuímos. O autor destaca que o que ocorre é termos um nível maior de algumas inteligências do que outras, e isso é o que chamamos de habilidades, ou talentos. Não há testes para medição destas inteligências. Cada inteligência citada por Gardner, abrange um grupo de habilidades humanas, e muitas destas não são avaliadas em testes de QI.

Se entendermos que possuímos diferentes inteligências, e que todos temos potencial criativo, sabe-se que criatividade não está associada somente às habilidades artísticas, criatividade também está presente em todas as outras habilidades. Se inteligência está ligada diretamente com a capacidade de resolução de problemas, podemos concluir que o ato criador faz parte das inteligências, o que novamente desassocia criação somente com as altas inteligências. Cocchieri (2008) explica que “a ideia de gênio criador encontra seu reforço nas expectativas do senso comum, que num primeiro momento não vislumbraria condições que permitiriam desvelar esse tipo específico de capacidade – a criatividade.” (p. 15). A criatividade não está vinculada estritamente a altas inteligências, está presente em todas as inteligências.

Para continuarmos a definir criatividade, um aspecto importante a ser mencionado é o valor de um ato criativo. Para entendermos mais sobre esse aspecto Lubart (2002) afirma que:

Os juízos sobre a criatividade implicam, certamente, em um consenso social. Um único juiz, um comitê constituído de várias pessoas, ou uma sociedade como um todo avalia as obras e determina seus graus de criatividade em relação ao de outras produções. Assim, o nível global de criatividade de uma pessoa (ou de um grupo) é avaliado em relação àquele de outro indivíduo (ou de outros grupos). (p.17).

Ou seja, a produção artística de um determinado sujeito sofre critérios de avaliação sobre a validade de seu potencial criativo. Esses critérios modificam-se, conforme os grupos nos quais se está inserido. O julgamento é um fator determinante para o ato criador, influenciando sobre o que é criativo e o que não é. Nota-se então a influência da sociedade sobre o indivíduo, determinando o que pode ser criativo ou não. Lubart (2002) ainda diz que:

Enfim, a concepção de criatividade pode variar conforme a cultura e a época. Assim, dentro de certas culturas, a criatividade está centrada nas produções que rompem com a tradição, enquanto que outras culturas valorizam os processos de criação em si, mais do resultado e/ou que a utilização inovadora de elementos tradicionais da cultura (LUBART, 1996, p.17).

Assim, entende-se que ser um sujeito criativo, é um potencial alcançável, que necessita ser desenvolvido, considerando que todos temos capacidade de exercício e desenvolvimento criativo. A criatividade vai se configurando como parte de tudo que fazemos, das escolhas e reflexões, das soluções que buscamos.

Para entendermos a importância da criatividade para a história da humanidade, serão abordados alguns momentos históricos em que também foi determinado pelas mudanças.

2.2 Processos criativos

Os processos criativos são uma série de etapas de criação que ocorrem durante o ato criador, que é a ação criativa, o expressar uma ideia. Os processos são os métodos e formas de materializar o ato. Ostrower (1987) explica que:

Quando se configura algo e se o define, surgem novas alternativas. Essa visão nos permite entender que o processo de criar incorpora um princípio dialético. É um processo contínuo que se regenera por si mesmo e onde o ampliar e o delimitar representam aspectos concomitantes, aspectos que se encontram em oposição e tensa unificação. A cada etapa o delimitar participa do ampliar. Há um fechamento, uma absorção de circunstâncias anteriores, e, a partir do que anteriormente fora definido e delimitado. (p. 26)

Os processos criativos são caracterizados por decisões e métodos que se transformam até a criação final. Os métodos são específicos de cada sujeito, abordando suas individualidades. As influências sobre os processos de criação serão abordadas no próximo capítulo.

Trazendo a criatividade junto às inteligências, sabemos que os processos criativos passam por uma série de construções e decisões até o ato criador. Algumas abordagens, apresentam a proveniência dos processos criativos como produtos do inconsciente, posteriormente filtrados e/ou escolhidos, trazidos para o consciente, até o ato criador. Outras teorias afirmam que os processos criativos formulam-se, com sequências de decisões racionais, sem tanta influência do inconsciente. Ostrower (1987) explica que: “entendemos que precisamente na integração do consciente, do sensível e do cultural, se baseiam os comportamentos criativos do homem. Somente ante o ato intencional, isto é, ante a ação de um ser consciente, faz sentido falar-se de *criação*.” (p.11).

Outro aspecto a ser mencionado, quando falamos sobre processos criativos, são os *insights*. São produtos do nosso inconsciente, que são desencadeados por circunstâncias propícias. Conhecimentos construídos, guardados e que junto a um determinado momento, situação, ou até mesmo objeto, desencadeiam o acesso a certas informações. Ostrower (1999) diz que:

nunca se trata, então, de acontecimentos aleatórios, no sentido de não estarem relacionados com a pessoa que os percebeu. Antes, pelo contrário, devemos entender que, embora jamais os acasos possam ser planejados, programados ou controlados de maneira alguma, eles acontecem às pessoas porque de certo modo já *eram esperados*. Sim, os acasos são imprevistos,

mas não são de todo inesperados- ainda que numa *expectativa inconsciente*.
(p. 4).

Quando falamos em processos criativos, não nos referimos somente a criação artística. Quando buscamos uma resposta para um problema, passamos por uma série de questionamentos sobre determinado assunto. Esses processos sofrem influências externas e internas, individuais de cada sujeito, e coletivas pelo grupo e sociedade ao qual se está inserido. Nesses processos, o sujeito traz ao material conhecimentos construídos ao longo da vida, e conhecimentos construídos ao longo da história, passando por diferentes sujeitos e seus processos criativos.

Acredita-se que criatividade e seus processos não se diferem dentro dos processos artísticos. O artista explora os conhecimentos, colocando suas individualidades e percepções, mas também, inevitavelmente sofre influência das referências de seu meio e contexto temporal. Político e social. Ostrower (1999) diz que: “Ao criar, o artista não precisa teorizar a respeito de suas vivências, traduzir os pensamentos e as emoções em palavras. Ele tem mesmo que viver a experiência e incorporá-la em seu ser sensível, conhecê-la por dentro.” (p.17).

Em sua produção, suas individualidades, e seu meio estarão presentes em sua obra. Como vimos, os processos são constituídos por decisões e filtros de ideias que o sujeito escolhe ao determinar qual pensamento ele optará, na sua vida, sua solução, ou sua produção artística. Por mais que suas individualidades e o seu meio o influencie, o artista, o ser humano, escolhe os pensamentos e ideias a seguir. Ostrower (1987) explica que “reiteramos o nosso enfoque: *a criatividade é intimamente vinculada ao trabalho humano*, ou seja, os processos criativos surgem *dentro* dos processos de trabalho, desse fazer intencional do homem que é sempre um fazer significativo.” (p. 142).

Quando falamos em processos criativos artísticos, lembramos que cada artista constrói seu ateliê, se é organizado ou não, escolhe as cores a usar, trabalha em horários diferentes, a quantidade de horas, etc. Essas escolhas estão dentro de seus

processos criativos, seu meio e influências, e sua individualidade em que os processos criativos são influenciados pela intenção, pela individualidade e pelo meio do artista e sujeito.

3. O DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE

3.1 Teorias sobre criatividade e desenvolvimento

Ao longo da história, há diferentes visões a respeito da criatividade e seus processos. Na presente pesquisa busca-se trazer um aparato de informações, resumidamente, embasado, em boa parte, pela autora Wechsler, sobre algumas abordagens e teorias que envolvem criatividade e seus processos, e a construção de seus conceitos. Sabe-se do abrangente campo de estudos que buscam entender e conceituar a criatividade, e nesta pesquisa, apresentou-se apenas brevemente as inúmeras possibilidades de estudo, visando ampliar a pesquisa e conhecimento sobre o presente assunto.

Ao longo da história, estudos e teorias sobre o desenvolvimento da criatividade surgiram para tentar resolver o enigma das relações entre criatividade, saúde, sujeito e seus processos criativos, pois o há inúmeros estudos referentes a criatividade. Aqui apresentaremos, resumidamente algumas teorias importantes, a fim de podermos ampliar a relação e as influências que o sujeito sofre em seus processos criativos.

Para conhecermos as opiniões referentes ao desenvolvimento da criatividade, iniciaremos com a abordagem filosófica. Garcês explica que “desde o início da História da Humanidade, a sociedade acreditava que a câmara da mente, a partir da qual surgiam novos pensamentos, era controlada por deuses.” (p.21) Acreditava-se que a criatividade vinha como inspiração divina, em que poucos tinham acesso, fazendo separação entre homens criativos e os não criativos.

Também na antiguidade surgiu a associação da loucura com a criatividade. Esse pensamento ocorria pela liberdade de expressão e espontaneidade do sujeito. O sujeito que não encontrava-se nos padrões impostos pela sociedade, a qual se estava inserido, tornava-se excluído e mencionado como louco. Percebe-se, assim, a influência da sociedade sobre o sujeito, quando o exclui por não fazer parte do que consideram aceitável.

Essa exclusão, servia como prevenção à “contaminação” dos outros sujeitos, evitando uma anarquia, ou oposição aos padrões já aprovados. Na história, a loucura era apresentada como uma característica de pessoas diferentes, e essas eram eliminadas do convívio social, ocorrendo a separação do contexto familiar. Mais adiante, com o catolicismo já instalado, temos o período da Inquisição, em que a ligação entre loucura, diferença e maldade era estabelecida, como consequência ocorria a separação dos loucos da sociedade. Em outro momento histórico, como por exemplo na reforma, o louco passa a ser visto como “escolhido por Deus” como quem pagará pelos pecados da humanidade, novamente sendo punido e excluído da sociedade. Somente na modernidade, que a loucura é reconhecida como doença, surgindo os estudos da psicanálise, mas os loucos continuam a serem excluídos da sociedade, sendo trancafiados e isolados. ² A associação de loucura com a criatividade, acaba por causar uma distância entre as pessoas, e os sujeitos considerados criativos consequentemente tornam-se marginalizados. Sendo assim, em alguns momentos históricos a criatividade e a loucura tornaram-se próximas, levando o sujeito criativo a ser confundido com louco, criando um distanciamento social, e afastando ainda mais a criatividade do estado natural humano.

Seguindo o estudo das abordagens, outra teoria sobre o desenvolvimento da criatividade ocorre na visão Biológica. Essa abordagem apoia-se na teoria evolucionista de Darwin, que conceitua a criatividade como parte genética do sujeito. O fator genético era associado à criatividade tornando-a um fator hereditário. Determinando que apenas quem possuísse descendência criativa, poderia ser criativo. Outro fator interessante é a crença da impossibilidade do desenvolvimento da criatividade, que faz parte dos códigos genéticos, somente pessoas propensas, geneticamente, poderiam ser criativas.

² A história da loucura é “um fato social variável”, não um fato apenas. As interpretações, respeito a loucura modificaram-se ao longo da história. Podemos separar em quatro momentos: a idade média, o renascimento, a idade clássica e a modernidade. A interpretação do louco como visionário ocorre na idade média. No renascimento o louco era visto como pertencente a realidade de outro mundo. Na idade clássica o louco era visto como erro, afastando o sujeito da sociedade. Somente na modernidade, século XIX, a loucura passa a ser vista como doença.

Acredita-se que foi assim que surgiu a “crença” de que alguns não nasceram para serem criativos, e que infelizmente até hoje, ainda há quem acredite. Outro fato apontado nesta abordagem é a criatividade ser influenciada por modificações genéticas. O homem organiza suas informações e põe sentido e ordem as coisas, e essa organização é o “poder criador”.

Essas concepções sobre criatividade e genética ainda estão presentes em nossa sociedade. As pessoas ainda crêem não serem capazes de terem ideias criativas por não “nascerem assim”. Wechsler (1998) explica que a criatividade pode ser desenvolvida e aumentada, mediante programas educativos específicos (p. 28), a criatividade pode sim ser desenvolvida, pois faz parte de quem somos. Neste momento, a criatividade ainda não é tratada como processo, mas sim como consequência “natural”. Tanto na Filosófica, quanto na Biológica, vemos presente esta consideração. Posteriormente, com diferentes linhas de estudo, apresenta-se a ideia da possibilidade de existência e construção de processos criativos, apoiados em estudos e reflexões, que até o momento não se tinha.

Seguindo o estudo das diferentes abordagens outra forma de conhecimento sobre o desenvolvimento da criatividade é apresentada nas abordagens psicológicas. Dentro destas abordagens encontramos as teorias associativas, que acreditavam na repetição como processo criativo, o que posteriormente, com a escola empirista, que influenciou as teorias comportamentais, prega a repetição das ações como meio de aprendizagem, o estímulo- resposta, e sendo assim para a criatividade e seus processos, a repetição torna-se o processo criativo. Quando um sujeito exerce uma série de estudos referentes a um determinado assunto, essa série de estudos são o próprio processo criativo.

Wechsler (1998) diz que “a percepção da criatividade como uma mera associação de ideias que são reforçadas apresenta inúmeras falhas.”. Complementa que “teorias e ideias famosas surgiram de deslizos e erros, aparentemente irracionais, que ajudaram Copérnico, Kepler e Galileu a formular seus pressupostos.” (p.29).

Dentro das abordagens psicológicas há a teoria Gestaltista. A autora afirma que na visão gestaltista, “a criatividade é vista como a procura de uma solução para uma *gestalt*, ou forma incompleta.” A busca por soluções é o processo criativo. Complementa que “o processo criativo advém de um impulso inato para obter um *gestalt*, ou forma completa.” (p. 29). A teoria gestaltista diz que os processos criativos são a busca do sujeito por respostas e solução de problemas. O sujeito utiliza informações já existentes, suas memórias como soluções e ideias futuras. A criatividade é aquilo que o sujeito já conhece e que transforma em seus processos criativos, em sua busca por soluções. Nessas visões sobre a criatividade, os teóricos acreditam na criatividade como um processo de busca interior por informações já presentes, que podem ser estimuladas. Neste momento, vemos os processos criativos como possíveis aos sujeitos, sem limitar quem pode e quem não, ser criativo.

Outra abordagem que estuda o desenvolvimento criativo é a psicanalítica, Essa que apresenta a construção da criatividade como possibilidade também. Essas abordagens sustentam-se nos estudos de S. Freud, que afirma em sua teoria a influência do subconsciente sobre o sujeito, e a geração de distúrbios, ou neuroses que sofremos. Esses traumas, ele afirma estarem associados a disfunções sexuais.

Wechsler (1998) explica que para Freud a criatividade é uma forma inconsciente de solução de conflitos. Vendo “o processo criativo como uma sublimação dos instintos sexuais primitivos, em atividades artísticas ou científicas, socialmente aceitas.” (p.30). Nicolau (1994) complementa que foi o “seu discípulo, o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, quem ampliou os conceitos sobre o Inconsciente, procurando compreender a linguagem simbólica dessa parte da mente, no processo de consolidação da personalidade e na constituição da cultura dos povos” (p. 25). Sendo assim, para os seguidores das teorias de Freud a criatividade tem origem no inconsciente e em seus conflitos.

Em Freud, os processos criativos, são a continuação da busca por soluções que realizamos nos jogos infantis. Essa continuação, na fase adulta, vem com a imaginação, ou aquele “sonhar acordado”.

Dentro dessa abordagem, temos os *neopsicanalistas*, que segundo Kris (1968 apud WECHSLER, 1998, p.31) diz que: “a criatividade teria fonte principal o pré-consciente, e não o inconsciente.” Complementa que há nessa teoria duas fases. Em um primeiro momento haveria o “abandono ao processo lógico e racional e o predomínio do subconsciente.” No segundo momento, “a pessoa criativa elaboraria de maneira consciente, as ideias obtidas no seu pré-consciente.”. O sujeito deveria desprender-se da racionalidade para depois construir significados ao seu processo criativo.

Seguindo a teoria dos neopsicanalistas, Kubie (1958 apud WECHSLER, 1998, p.31), estudou as influências e bloqueios sofridos nos processos de criação, enfatizando o efeito inibidor de ansiedade, culpa e medo sobre os processos. Ele ainda afirma a influência da sociedade sobre o sujeito, e a sua interferência no ato criador. Dentro dessa abordagem temos também Otto Rank (1978 apud WECHSLER, 1998, p.31), em que a autora explica que sua principal contribuição para a criatividade, foi a conceituação sobre “as tipologias observadas no desenvolvimento humano: o tipo adaptado, o tipo neurótico o tipo criativo.” Ela complementa explicando e diferenciando os tipos criados por Rank. O primeiro é o tipo adaptado, que refere-se ao sujeito seguidor das regras da sociedade. O tipo neurótico, o segundo, é o sujeito conflitante, e o terceiro é o tipo criativo é o sujeito que consegue “se expressar através das artes, ou de qualquer outra forma de maneira criativa.” (p.32). As teorias voltadas a abordagem psicanalítica trazem a criatividade como produto do inconsciente, das informações armazenadas ao longo de sua vida, que podem bloquear e influenciar o ato criador e são importantes para compreendermos a criatividade como um todo.

Outra teoria sobre o desenvolvimento da criatividade é a humanista. Nesta teoria explica-se que a criatividade e o processo criativo estão ligados diretamente com a saúde mental do sujeito, rompendo com os ideais de espontaneidade. A autora afirma que nas teorias humanistas, “a criatividade é vista como tendência do ser humano à auto-realização.” (p.32).

Carl Rogers é um dos principais representantes dos humanistas, focou seu estudo nas características positivas interiores do homem. Rogers (1977 apud WECHSLER, 1998, p.32) diz que: “é necessário que existam certas condições interiores para que o potencial criativo desabroche: abertura às experiências, lugar interno de avaliação e habilidades para viver o momento presente.”. Sendo assim, a criatividade está vinculada à autorrealização, e esse impulso muitas vezes é reprimido pelos bloqueios psicológicos sofridos ao longo de sua vida. Ainda afirma que nas “condições adequadas, essas barreiras podem ser superadas.” Segundo essa abordagem, Wechsler apresenta os dois níveis de habilidades criativas de Maslow:

No primeiro nível, que o autor denominou de *auto-realizadores criativos* estão aqueles indivíduos que se auto-realizam de forma integral, tanto a nível pessoal como intelectual, sendo possuidores, portanto, de boa saúde mental. E no segundo nível, denominado de *talentosos-criativos*, estão as pessoas que se caracterizam por um alto desenvolvimento intelectual, mas não, necessariamente, pessoal. (p.33).

Para esses teóricos, a criatividade é vista como processo de realização pessoal, e saúde mental. Em que a busca pela criação traz a autorrealização e saúde. Aqui vemos a criatividade como um estado natural, em que apresenta a criatividade como estado natural do humano. Ostrower (1987) enfatiza que “o homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando.” (p.10). O que afirma a ideia de criatividade inata a humanidade.

Outra teoria sobre o desenvolvimento da criatividade é a desenvolvimental. Essa teoria acredita na potencialidade do desenvolvimento criativo, diferentemente das citadas anteriormente. Piaget (1945 apud WECHSLER, 1998, p. 34) afirma que a criatividade viria do “processo de assimilação em estado de espontaneidade”. Afirmando a continuação dos processos de construção de conhecimento e acomodação, e esses processos não diminuirão com o passar do tempo, sendo construídos ao longo do tempo em que forem exercitados.

Outros teóricos importantes, na teoria desenvolvimental, tentaram explicar os processos criativos. Em suas teorias vemos as influências da psicanálise freudiana e dos conflitos desenvolvimentais de Erik Erikson.

Para Gowan (1971 apud WECHSLER, 1998, p. 34) teórico desenvolvimental, a criatividade está ligada com duas fases, as freudianas que são Fase Fálica, e Fase Genital, que para Erikson são conflito iniciativa x culpa e conflito intimidade x isolamento. Para ele essas fases estão vinculadas ao amor. Wechsler (1998) diz que nessa visão, “a criatividade depende de amar e receber amor, ou seja, é um fenômeno decorrente da inspiração de ser amado.”. Ou seja, acreditando que o amor influencia no desenvolvimento da criatividade.

Ela complementa que outros autores influenciados por Freud e Erikson foram Lesner & Hilman (1972). Eles separam a criatividade em três estágios: o enriquecimento criativo interno, o enriquecimento criativo externo e a autoavaliação criadora. Esses estágios são separados por fases da vida humana. O primeiro ocorre na infância até a adolescência. O segundo da adolescência a idade adulta e a terceira da velhice até a morte. (p.34).

Para esses teóricos a criatividade está presente em todas as fases humanas, rompendo com a ideia de que a criatividade faz parte apenas da juventude. As teorias desenvolvimentais acreditam na criatividade como processo, e sendo assim, ao longo dos anos, a criatividade continua a ser desenvolvida, contrariando algumas das teorias anteriores, que abordaram apenas a infância e juventude, ou como possibilidade para poucos.

Seguindo o estudo sobre as abordagens sobre o desenvolvimento da criatividade, temos as psicoeducacionais. Dentro deste estudo temos a teoria cognitivista, com a significativa contribuição relacionada à criatividade, do teórico Guilford (1967 apud WECHSLER, 1998, p.37) que afirma que sua teoria propõe o “estudo da mente humana” através de um cubo. Neste cubo vemos Operações, Produtos e Conteúdos. Dentro das Operações temos os processos de cognição,

memória, produto convergente e o divergente, e a avaliação. Nos Produtos temos unidades, classes, relações, sistemas, transformações e implicações. E nos Conteúdos temos figural, simbólico semântico e comportamental. Dentro dessas três operações, podemos fazer 120 combinações possíveis. Segundo Wechsler (1998) a “fórmula é Operação + Conteúdo + Produto.”.

A criatividade, segundo Guilford (1977 apud WECHSLER, 1998, p.37) está na “operação Produto Divergente”, combinado a qualquer outro produto e operação. Assim, no momento da resolução de um problema, a criatividade está presente. Também propõe estudos para “avaliar a produção divergente, com os conteúdos na área Figural e semântica.” Estes testes podem ser realizados a partir dos 4 anos de idade. A autora explica que o “pensamento divergente é medido em de quatro maneiras principais: *fluência, flexibilidade, originalidade e elaboração.*” (p.38).

Dentro das Abordagens psicoeducacionais temos a teoria educacional, em que encontramos um estudo desenvolvido pelo teórico renomado Paul Torrance (1965 apud WECHSLER, 1998, p.40) que afirma que nesses estudos ele acredita na criatividade como processo de busca e solução de problemas. Para ele é fundamental a conscientização e reconhecimento desses problemas, e os conhecimentos básicos para a solução dos mesmos. Torrance (1965 apud WECHSLER, 1998, p.40) complementa que:

esta habilidade abrange diferentes aspectos: ter conhecimentos básicos sobre o problema em questão, ser capaz de identificar várias facetas desse problema, ampliar a conceituação do problema ou redefini-lo, identificar subproblemas possíveis de serem resolvidos e distinguir ou priorizar a questão mais básica ou “a essência” do problema.

O autor separa o processo de formulação de hipóteses, ou busca de soluções, em três momentos ou fases. A inicial, formulação de hipóteses, ele acredita que devemos pensar sem barreiras, deixando fluir a imaginação e busca de soluções, sem julgamentos, como Wechsler (1998) diz “criando um ambiente não-punitivo e estimulador.”(p.40). No segundo processo, o de testar hipóteses, ele afirma que inicia-se a seleção de melhores respostas para um determinado problema. Ou seja, é o

processo de escolha, em que passará por julgamento. A autora afirma que nesse processo “deve ser favorecido o pensamento convergente, crítico, analítico, que procure a melhor solução para o problema em questão.” (p.40).

O terceiro processo é a fase de comunicação de resultados. É o momento em que a pessoa expressa sua ideia, recebendo o retorno das pessoas ao redor. Assim pode-se refletir, novamente sobre nossas ideias, voltando ao primeiro processo. Seu método de avaliação da criatividade é segundo Wechsler (1998) “através de fatores cognitivos e características emocionais.” (p.40) Nessa abordagem, é enfatizado o processo criativo, a busca. Propondo que o sujeito promova o pensamento divergente e convergente.

Outra abordagem sobre o desenvolvimento da criatividade é a psicofisiológica e nela temos o estudo dos hemisférios cerebrais. Esse estudo caracteriza-se pela pesquisa sobre as funções cerebrais correspondentes a cada hemisfério. O início do estudo sobre os hemisférios cerebrais foi realizado a partir de cirurgias realizadas em sujeitos epiléticos. E a partir dessas cirurgias, podia-se estudar as funções de cada hemisfério. Com estudos posteriores da autora, entendeu-se as funções que cada hemisfério realizava. Sendo o esquerdo responsável pelas ações mais lógicas e o direito menos lógicas. E em relação a aprendizagem, McCallum & Glynn (1979 apud WECHSLER, 1998, p.43), afirmam que refere-se a “expressões verbais, leitura, escrita, matemática, computação ou aritmética.”. O hemisfério direito é responsável pelas informações não lógicas. Explica que é responsável por:

apreensão de ideias globais e principais dos problemas, lidar intuitivamente com fatos e situações de modo simultâneo, apreender através da experiência e do contato direto com o material, sonhar acordado, responder positivamente a apelos emocionais, metáforas, humor, improvisos, desenhar próprias ideias, etc...(p.44).

Estudos de McCallum & Glynn (1979; Katz 1978, e Torrance e Mourad 1979 apud WECHSLER, 1998, p.44), referentes a criatividade estar presente nos dois hemisférios foram confirmados. São apresentados os dois hemisférios nos processos

criativos, desmistificando a associação a apenas um lado, em que pessoas propensas a atividades mais criativas tenham acesso a ideias criativas, e pessoas propensas a atividades exatas tenham maior dificuldade.

Outra abordagem dentro das psicofisiológicas é a sociológica, que envolve estudo sobre ambientes e criatividade. Wechsler (1998) afirma que esse estudo coloca em questão “como a sociedade, com suas regras e imposições pode permitir o desabrochar da criatividade.”(p.44) Ainda foram realizados estudos sobre períodos mais criativos na história da humanidade, e um dos períodos foi a Renascença. Complementa que esses estudos mostram “a necessidade de existir um mínimo de pressão para o conformismo e um grande encorajamento do individualismo.” (p. 44). Neste período, afirma Cocchieri (2008) que “podemos traçar um paralelo entre a visão de mundo implícita nessas circunstâncias, do período renascentista, centralizada, com a perspectiva do Príncipe, privilegiando uma única verdade, uma única perspectiva frontal, ambas as visões associadas a uma verdade absoluta, sob as vistas do antropocentrismo. (p.16)

Dentro desta abordagem entende-se que os critérios de julgamento, sobre o desenvolvimento da criatividade, são definidos por padrões das diversas sociedades. Explica que “as oportunidades para a expressão criativa não estão igualmente distribuídas entre as camadas populacionais pertencentes aos diversos estratos socioeconômicos, nem entre os sexos e as faixas etárias.” (p. 44).

A sociedade está, fortemente, influenciando o que pode, e o que não pode ser produto criativo. Amabile (1983 apud WECHSLER, 1998, p.45) afirma que não podemos estudar a criatividade sem uma visão ampla da sociedade na qual o indivíduo está inserido”. Complementa definindo dois fatores determinantes na criatividade, a motivação intrínseca que envolve sujeitos que são motivados a criar por fatores internos e a extrínseca envolve sujeitos que motivam-se a criar pelo desejo de obter sucesso . Nessa abordagem a criação sofre influências do meio em que o sujeito está inserido. Ostrower (1987) afirma que:

Embora seja o indivíduo quem age, escolhe e define as propostas e ainda as elabora e as configura de um modo determinado, trata-se também, talvez antes de tudo, de uma questão cultural. Não só a ação do indivíduo é condicionada pelo meio social, como também as possíveis formas a serem criadas têm que vir ao encontro de conhecimentos existentes, de possíveis técnicas ou tecnologias, respondendo a necessidades sociais e a aspirações culturais. (p. 40).

Sendo assim, o sujeito é submetido, não em sua totalidade, mas parcialmente, elementos de seu ambiente cultural nas suas ações e processos de criação. Neste momento já vemos as distinções e semelhanças entre processos criativos. Cada sujeito aborda, em seus processos, também o seu contexto cultural, como fator influenciador.

Outra abordagem que estuda o desenvolvimento da criatividade é a psicodélica, que envolvem estudos a respeito dos efeitos de estados alterados na produção criativa como a expansão da consciência. Nessas abordagens, não é incentivado o uso de drogas. Como autora afirmou que “acredita-se que com o passar do tempo, o sujeito sob efeito, não tem controle sobre seu processo criativo.” (p.47).

Nessa abordagem, as técnicas utilizadas são de relaxamento, de meditação, Wechsler (1998) diz “como formas de afrouxamento das barreiras perceptivas.” (p.47). O sujeito está em um estado alterado do seu natural, sem uso de drogas auxiliaadoras desse processo.

Esses estados alterados permitem, segundo Mackinnon (1978 apud WECHSLER, 1998, p.47) afirma que:

a atração do material inconsciente para o consciente, um processo que pode ser equacionado como uma série de movimentos: dormir, acordar e novamente dormir; do estado de alerta para o transe hipnótico e de volta novamente; do perceber para o esquecer, ida e volta etc.

E complementa que surgem então imagens mentais do pré-consciente que aparecem no processo de incubação, influenciadoras sobre o processo criativo. Segundo Khatena (1984 apud WECHSLER, 1998, p.47) afirma que há, nessas imagens mentais, quatro categorias principais: “*imagem-consciência, imagem-visão, imagem*

memória e imagem-imaginação.” São essas imagens influenciam os processos criativos.

A última abordagem sobre o desenvolvimento da criatividade, que será apresentada nesta pesquisa será a instrumental. É uma abordagem que é definida de modo atual por autores como Sternberg e Lubart (1991). Nesse estudo, os autores comparam a criatividade ao mercado financeiro. Trazendo o foco para o investidor mais ousado, que arrisca para conquistar. Nessa analogia o sentido refere-se à criatividade ser aquilo que é novo e fora do habitual. Sternberg e Lubart (1991 apud WECHSLER, 1998, p.50) afirmam que: “as variáveis que levam ao comportamento de bom investidor” são diversas, tentando integrar o que já foi encontrado sobre criatividade com as suas pesquisas sobre os componentes da inteligência.” .

A partir das diversas abordagens e teorias apresentadas, acredita-se termos ampliado bastante alguns sentidos sobre a criatividade, trazendo as diferentes visões, a respeito dos seus processos, esses que modificaram-se ao longo do tempo, ampliando as possibilidades de formação e desenvolvimento de um pensamento criativo. Continuaremos no próximo capítulo apresentando outros elementos sobre criatividade e seus processos, utilizando como referência, algumas abordagens e teorias que apresentam algumas relações da criatividade na arte.

4.CRIATIVIDADE E INFLUÊNCIAS SOBRE OS PROCESSOS CRIATIVOS.

“Para perguntar, pesquisar, conhecer, é necessário aprender a conviver com a curiosidade, o deparar-se com o inusitado, a capacidade de assombrar-se, o enfrentar-se com o caos criador, a ansiedade e o medo do encontro com o novo”.

(GUERRA; MARTINS; PICOSQUE, 1998, p.147).

4.1 Criatividade: história e influências.

Neste momento, mencionaremos alguns elementos históricos, em que se destaca a ação criativa. Como sabemos, ela está presente na humanidade e em seus processos de descoberta e buscas. O homem³ evolui e os padrões de busca adequam-se ao seu tempo e espaço, e a criatividade presente ao ser humano, também. Sendo assim, o homem pré-histórico tinha os problemas de seu tempo a solucionar, e descobriu ferramentas que modificaram suas ações de existência e sobrevivência até o momento, um ato criativo, de inovação, que mudou padrões de vida estabelecidos pelas sociedades. O homem moderno traz diferentes problemas, mas a criatividade permanece presente em nossa trajetória.

Além dos elementos apresentados na introdução desse estudo, percebeu-se também algumas mudanças mais significativas, que ocorreram no decorrer do tempo e que foram percebidos como significativos avanços no curso da história. Pode-se exemplificar com o fato da descoberta da pólvora pela Dinastia Han, que ocorreu na China, que considera-se um ato muito criativo. É no processo para a descoberta de algo que encontramos a criatividade. Na busca dos alquimistas chineses surge o resultado,

³ Quando utilizo o termo “homem” refiro-me a humanidade.

não esperado, mas revelador: a pólvora, que foi e é tão utilizada no curso da história. Os modos de combate estabelecidos até aquele momento modificam-se. A luta corporal, e até os próprios lutadores, não são mais as únicas armas de uma batalha. Aos poucos, teve-se a ciência de um elemento surpresa, e inovador, diferentemente do padrão já conhecido. Se falarmos de guerra, as estratégias que definiam os vencedores, surgiram a partir de um processo de criação de estratégias, conhecimentos diferentes, buscando-se sempre o novo, para poder “emboscar” os inimigos, e vencer a guerra. Os acordos, que também foram parte das estratégias de guerra, também são a representação da criatividade mudando o curso da história. O diferente do habitual, a busca da fuga dos padrões, a presença do pensamento divergente, que é o ato de possibilitar diversas soluções para um problema, e posteriormente o convergente, que é o ato de selecionar as soluções mais adequadas ao problema, foram e são importantes para possibilitar os atos criativos, atualmente e ao longo da história. O diferente, o trazer novos significados para uma determinada situação ou algo, é o ato de criar. Neste exemplo pode-se observar a importância da ação criativa para a nossa evolução.

Trazendo alguns poucos exemplos da ação criativa, temos os gregos, De Masi (2003) diz que “com eles temos um salto de qualidade até hoje não superado, tanto pela criatividade política e social como pela criatividade estática e especulativa.” (p. 149). E com saltos, o autor refere-se a avanços significativos na história da humanidade. Também é nesse período que filósofos como Aristóteles e Platão viveram, mudanças de linhas filosóficas, e até a ênfase no “ócio criativo”⁴ era defendida por eles. Os filósofos mantinham sua atenção nas potencialidades criativas dos seres humanos, em atividades de cunho intelectual mais do que manual. De Masi (apud PALIERI, 2000, p.91) em entrevista, afirma que o ócio criativo é uma situação que se tornará cada vez mais difundida no futuro. Há um pensamento Zen que expressa com perfeição essa forma de vida, tanto no seu aspecto prático como no seu estado de espírito.”

⁴ O ócio criativo, citado por Domenico de Masi, é a pausa mental ativa que o sujeito realiza para aflorar seu potencial criador.

Sendo então, o tempo ocioso ativo, em que o sujeito trabalha mentalmente, enquanto realiza a pausa do trabalho manual.

É nesse período que constroem-se grandes mudanças, monumentos arquitetônicos, um avanço que De Masi (2003) explica:

Se o Egito, a Mesopotâmia e a Pérsia haviam construído grandes obras reservadas ao rei e à sua oligarquia, Atenas e outras cidades gregas construíram a ágora destinada ao mercado e às assembleias; construíram repartições governamentais acolhedoras para o público; teatros para as representações das tragédias míticas e das comédias realistas; ginásios, liceus e academias para a formação dos jovens; chafarizes para matar a sede de todos os cidadãos, indistintamente; templos que representam na terra moradias divinas capazes de competir com o Olimpo; e estádios para as pacíficas atividades agonistas dos jovens atletas. (p. 150).

As grandes construções criadas nesse período, as noções de sociedade, política, traçam um marco na história da humanidade. Quando pensamos em Grécia também lembramos da influência da mitologia sobre os cidadãos e artistas da época. Suas obras representavam a cultura da época, deuses e heróis. A qualidade artística desse período também é um fato a ser observado. As proporções, a técnica, o avanço artístico que é alcançado.

A arte acompanhou todas as mudanças estabelecidas no curso da história, e percebe-se na arte muitos padrões sendo modificados: a visão do homem em seu tempo, o artista que, sempre submetido a regras, cria obras que se mesclam em sua visão e os padrões sociais de seu tempo. Como na arte grega, renascentista, moderna e contemporânea a influência da sociedade, dos assuntos atuais, do seu tempo, estão presentes e afetam as obras, e os processos criativos. De Masi (2003) diz que:

Grande parte das invenções humanas mais surpreendentes- do alfabeto ao Estado, dos veleiros às piadas, as festas ao arado, da tesoura à Magna Carta- não possui um “alguém que as imaginou”, pois elas são fruto de progressivos ajustes coletivos, seja nas suas criações, nas suas realizações, nos seus aperfeiçoamentos, na sua difusão, assim como nas suas aplicações. (p.97).

Acredita-se assim, que a criatividade de um sujeito não era submetida a um processo somente individualizado, o contexto onde está inserido, os costumes, estão expostos em seus processos criativos. As invenções são construções de pensadores de seu tempo. Em obras de arte pode-se ver claramente, quando as observamos, a semelhança na forma de representar e nas temáticas, entre diferentes artistas. De Masi (2003) acredita que “quanto mais se estuda as etapas da criatividade na sua milenar evolução mais se dá conta de que se trata predominantemente de processos coletivos (p.192).” Esses processos são, além dos costumes estabelecidos por uma determinada sociedade em que se está inserido, a evolução de linhas de pensamentos. Ou seja, para se chegar a uma determinada invenção, muitas vezes partimos de estudos já realizados por outros, nos quais acrescentamos nossas convicções e ideias, e isso é dar um novo significado, trazer o novo, utilizando o que já existe.

No subconsciente estão muitas informações, que não percebemos tê-las, mas que fazem parte de nós. Quando falamos em identidade cultural, não deixamos de falar dos princípios estabelecidos por aquela sociedade. Esse contexto cultural, estabelecido pela região, comunidade em que estamos inseridos, acaba por definir padrões. Quando pensamos em atos criativos, devemos lembrar que a criatividade de um determinado sujeito sofre influências por padrões culturais, ou seja, o que se pode denominar de “criatividade coletiva” (*aspas/grifo meu*). As evoluções criativas das sociedades, os grandes marcos sociais, de avanços ou mudanças históricas, acabam por ser modificados gradativamente os padrões de pensamentos, e esses rompimentos geram novos padrões. Muitas vezes as ideias são concretizadas ao longo dos tempos, pois diferentes pessoas, que acabam por ter novos instrumentos tecnológicos, diferentes visões a respeito de um mesmo assunto, trazem o novo ao já idealizado anteriormente. Temos o exemplo das diferentes tecnologias, o avanço do aparelho celular, da máquina fotográfica, do computador, etc.

De Masi (2003), ao falar sobre a história do progresso tecnológico afirma que: “Por minha vez, eu seria tentado a dizer que o progresso se deslocou aparentemente de tecnologias materiais para tecnologias desmaterializadas, enquanto a pesquisa

científica transformou-se realmente de uma ação individual para um programa coletivo.” (p. 356). Afirmando a coletividade criativa, o autor traz um exemplo sobre as descobertas criativas que marcaram a história da humanidade e sua construção coletiva:

Bacon estabelece a ponte entre Copérnico (que ele não entendeu) e Newton (por quem ele não foi compreendido). E a revolução científica ligada a esses três gigantes, além, é claro, de Galileu e Descartes, desmantela tanto a dicotomia entre esfera teórica e utilidade prática como toda a cosmologia de Aristóteles e de Ptolomeu. Como consequência, temos o nascimento da física moderna, a descoberta das leis do movimento, a teoria da gravitação universal e o aperfeiçoamento do método experimental, em seguida adotado por todas as ciências.” (p.357).

Assim, o conhecimento torna-se produto dos processos criativos construídos ao longo dos tempos por distintas personalidades que habitaram o mesmo ou diferente tempo espaço. Essa construção de conhecimento traz o novo em diferentes olhares sobre um mesmo ou semelhante assunto. Assim tornam-se os processos criativos coletivos.

No decorrer da história, há inúmeras invenções e descobertas extremamente importantes para o desenvolvimento social da humanidade, fazendo parte de um processo criativo incitado pela busca do novo, da melhoria e do diferente. As influências dos atos criativos na história são inúmeras, em diferentes âmbitos e culturas e neste capítulo buscou-se trazer um aparato de informações, transcendendo os tempos e buscando relatar a importância da criatividade ao longo da história.

4.2 Processos criativos e individualidade

Nos processos criativos, uma das variáveis influenciadoras é a individualidade do sujeito. Essas influências do próprio sujeito com seus processos interferem no produto final e no ato criador. Na individualidade temos a personalidade e seus traços. A palavra

personalidade vem do termo Grego *persona*, que era intitulado em um contexto teatral, nominando as máscaras utilizadas nos papéis. Diferente da intitulação do termo, atualmente o termo personalidade não remete a papéis, mas sim a construção do sujeito.

Existem muitos estudos sobre a personalidade e seu desenvolvimento nas ciências humanas. O fato em comum nesses estudos, é a afirmação da construção da personalidade, por sua base, na infância, e esta construção futuramente influenciando as escolhas do sujeito. Freud desenvolve os estudos sobre a sexualidade, o que foi citado nas abordagens psicanalíticas já apresentadas. Em relação a construção da *psique* humana, acredita que a desenvolvemos na infância, em diferentes momentos. Dividindo as fases em: Oral, Anal, e Fálica. É importante frisar que os estudos de Freud não referem-se ao significado da sexualidade, como ato sexual. Para Freud essas fases são impulsos naturais de conhecer o mundo e a si mesmo. Na fase Oral a criança conhece o mundo pela boca. Na fase Anal a criança controla o corpo e suas escolhas e na Fálica, é o início da adolescência, em que vai descobrindo-se como sujeito, indivíduo. Além dos estudos de Freud, há outros teóricos que buscam entender o desenvolvimento da personalidade.

Dentro dos estudos sobre a personalidade Leontiev (1978 apud BISSOLI, 2014, p. 589) afirma que “é importante ressaltar que a personalidade é uma formação complexa do psiquismo humano”). Existem muitos fatores influenciadores sobre a personalidade e sua construção.

Na formação da personalidade há teóricos que afirmam a influência da cultura sobre o sujeito. A autora complementa que:

a base real da personalidade do homem é o conjunto de suas relações com o mundo, que são sociais por natureza, mas das relações que se realizam, e são realizadas por sua atividade, mais exatamente pelo conjunto de suas diversas atividades.

O meio em que o sujeito está inserido vai interferir na construção de suas escolhas. Essas influências sociais podem ser a família, um grupo ao qual se encontra e a própria humanidade, que influenciam de formas distintas, mas que ajudam na

constituição da personalidade. Na personalidade do sujeito, encontramos influências da sua individualidade, e a sociedade em que está inserido, com seus costumes, cultura e traços.

Por mais que a personalidade de um sujeito esteja vinculada com suas individualidades e seus traços culturais, o sujeito traz esses traços de personalidade de uma forma única. Bissoli (2014) afirma que “a personalidade é um sistema constituído por distintas funções psicológicas que, integradas, caracterizam a forma peculiar de cada indivíduo atuar no mundo.” (p.589). Ou seja, por mais que integrantes de uma mesma família, realizem uma mesma função, eles trarão traços diferentes.

Ao estudarmos personalidade, não podemos deixar de mencionar a personalidade criativa e suas características. Sabemos que ela é influenciada por traços individuais, construídos em seus processos de desenvolvimento psicológicos, e pelo meio que se está inserido, que influenciam em nossa individualidade. Além disso Wechsler (1998) destaca algumas das influências que sofremos nos processos criativos, as: “barreiras culturais, perceptuais e emocionais” (p.123). Essas barreiras influenciam em nossa individualidade criativa. As barreiras culturais serão mencionadas a seguir. As perceptuais são bloqueios que dificultam a criatividade, a resolução de problemas utilizando ideias criativas. Ela cita algumas dessas barreiras: “dificuldade de perceber ou de ser sensível a problemas. Busca de soluções rápidas e imediatas. Pensamento rígido. Inabilidade de ver problemas sob um novo enfoque. Dificuldade em suspender julgamentos e críticas.”(p.123).

As barreiras emocionais são outra influência sobre o sujeito e seus processos criativos. A autora destaca que “essas barreiras vão se constituindo através da história de vida da pessoa e de sua interação com a família e com a sociedade” (p.125). Essas barreiras influenciam o sujeito em suas manifestações criativas. Jones (1993 apud WECHSLER,1998, p.125) complementa que, barreiras emocionais são: “Medo do fracasso. Medo de brincar. Miopia de recursos. Evitação da frustração. Imaginação empobrecida. Medo do desconhecido. Necessidade de equilíbrio. Medo de exercer influência. Medo de perder o controle.”

Essas barreiras limitam o sujeito e seus processos criativos, já que o sujeito acaba por ter medo de arriscar-se. Além das questões individuais do sujeito, também temos fatores externos que acabam por influenciar e modificam também nossa individualidade. Alguns desses fatores serão abordados no próximo tópico.

4.3 Influências externas nos processos criativos

As barreiras externas que o sujeito acaba por ser influenciado, são os ambientes e a cultura em que está introduzido. Dentro destes ambientes temos o contexto familiar, antes citado, os grupos, a escola, etc. Nesses meios, o sujeito cresce e desenvolve sua personalidade e individualidade em meio a coletividade. Por mais que o sujeito exponha suas ideias, nos processos criativos, elas acabam por conter um pouco das contaminações coletivas. Isso não necessariamente é ruim. Wechsler (1998) destaca que “os bloqueios ao pensamento e ao comportamento criativo advém, em primeiro lugar, da própria sociedade.” (p.121).

As influências externas podem apresentar-se em maior ou menor quantidade. Dependendo da individualidade do sujeito. Por questão da individualidade, por mais que vivamos em um mesmo ambiente, cercados pelas mesmas pessoas, não teremos os mesmos processos criativos.

Jones (1993 apud WECHSLER, 1998, p.121) destaca que algumas das barreiras culturais sobre a criatividade são: “orientação para a estabilidade, punição ou exclusão daquele que diverge da norma, valorização da lógica e descrédito pela intuição, preferência pela tradição ao invés de mudanças, medo do ridículo, expectativa quanto ao papel sexual “típico”. Essas barreiras são as influências culturais sobre o sujeito.

Outro aspecto, é a exclusão dos sujeitos que não seguem as normas, que não encontram-se nos padrões estabelecidos pelos grupos ao qual estão inseridos. Essa exclusão ocorre também no próprio ambiente escolar, dificultando os processos criativos, limitando o sujeito, o aluno. O ambiente escolar acaba por ser opressor, valorizando, muitas vezes, o raciocínio lógico e reprimindo o sujeito que apresenta

características mais criativas. Isaksen & Treffilger (1985 apud WECHSLER, 1998, p.122) criam “uma lista de frases ou comentários que se ouvem frequentemente”, no ambiente de trabalho e até mesmo em casa, na tentativa de o sujeito trazer ideias criativas. Essas frases são:

- “Esta ideia é ridícula.”
- “Nós nunca tentamos isto antes.”
- “Vai custar muito caro.”
- “Este problema não é nosso”.
- “É uma mudança muito radical.”
- “Nós não temos tempo”.
- “Somos muito poucos para fazer isto.”
- “Não é prático para nossa situação.”
- “Outros membros do grupo não vão gostar.”
- “Vamos voltar a realidade.”
- “Do jeito antigo sempre deu certo.”
- “Isto é coisa para pensar no futuro.”
- “Não estamos prontos para isto.”
- “Não está no nosso orçamento.”
- “A direção não vai achar uma boa ideia.”
- “Se não der certo vamos parecer ridículos.”
- “Deixe esse assunto para outro dia.”
- “Vamos fazer uma comissão para estudar isto.”
- “Já funcionou para alguém conhecido?”
- “Não é adequado para a nossa cidade.”

Algumas dessas frases podem ser ouvidas no contexto escolar. Reprimindo ideias inovadoras dos alunos e também dos próprios professores. Inibindo ações criativas, pois limitam e impõe barreiras aos processos criativos.

No ambiente escolar devemos incentivar ideias criativas, não só nas aulas de Arte, mas em todas as disciplinas. Não deve-se limitar os alunos, reprimindo-os. Esse

reprimir ideias influência nos processos criativos. O sujeito acaba, muitas vezes, por não criar, por medo de ser reprimido. Wechsler (1998) diz que “é difícil tentar ser criativo em um ambiente hostil a novas ideias e que reprime o que é diferente.”(p.175).

O ambiente escolar deve ser o local de incentivo a pensamentos inovadores, mas, muitas vezes, o que vemos são costumes educacionais que pregam a prevalência do raciocínio lógico do aluno regrado e padronizado. Sendo assim, o aluno que sai dos padrões estabelecidos, com atitudes mais criativas que o habitual, fica vulnerável e não é, muitas vezes, incentivado.

Além do ambiente escolar, essa opressão a sujeitos criativos ocorre dentro do próprio ambiente familiar, o que torna ainda mais difícil para o sujeito ter atos criativos. Muitas vezes, os familiares, acabam por não incentivar os pensamentos criativos. Essa repressão, da mesma forma, ocorre no ambiente profissional, em que, muitas vezes, o funcionário esperado é aquele que segue as regras, sem questioná-las. O ato de controlar os “instintos” criativos acaba por gerar hábitos tradicionais, fazendo com que o sujeito não tenha por costume criar e ter ideias inovadoras, pois o ambiente onde está inserido solicita um comportamento padrão.

Esses padrões esperados no ambiente escolar, influenciam o aluno e seus processos criativos. No próximo capítulo, será investigado como auxiliar no desenvolvimento da criatividade no ambiente escolar, por meio da disciplina Arte.

5. CRIATIVIDADE, ARTE E AMBIENTE ESCOLAR

“Ao desenvolver-se na linguagem da arte, o aprendiz apropria-se - lendo/produzindo- do modo de pensamento da própria arte. Essa apropriação converte-se em competências simbólicas porque instiga esse aprendiz a desvelar seu modo singular de perceber/sentir/pensar/imaginar/expressar e ampliar sua possibilidade de produção e leitura do mundo da natureza e da cultura, ampliando também seus modos de atuação sobre eles.”

(GUERRA; MARTINS; PICOSQUE, 1998, p.162)

5.1 O papel da arte no estímulo e influência sobre sujeitos criativos

A criatividade faz parte de nós, e está presente em nossos processos de busca por soluções. Já percebeu-se que esses processos não ocorrem somente no contexto artístico e educacional, mas a escola ainda é um ambiente importante para o desenvolvimento da criatividade. No cotidiano do sujeito, suas escolhas, por mais que não expressem significativa presença criativa, são parte de processos criativos, de criação e busca por solução para um determinado assunto. O ato criador vem como resultado desses processos, como forma de expressá-los. O incentivo à criatividade deve motivar, além dos pensamentos criativos, os atos. Esse incentivo pode ser realizado em sala de aula, em todas as disciplinas, não atendo-se somente a disciplina Arte.

Os processos criativos são realizados por todos, em diferentes formas, pois cada sujeito, sofre influências, como as citadas anteriormente, e tem suas individualidades, podemos entender que todas as disciplinas podem incentivar a criatividade. Gardner (1994) afirma, ao falar sobre as inteligências múltiplas que:

uma competência intelectual humana deve apresentar um conjunto de habilidades de resolução de problemas- capacitando o indivíduo a *resolver problemas ou dificuldades genuínos* que ele encontra e, quando adequado, a criar um produto eficaz - e deve também apresentar o potencial para *encontrar*

ou criar problemas- por meio disso propiciando o lastro para a aquisição de conhecimento novo. (p. 46).

A busca por soluções está na criatividade e seus processos criativos, e em relação às inteligências múltiplas, diferentes disciplinas e conteúdos abordam um determinado conjunto de inteligências, e todos esses conjuntos são capazes de utilizar e/ou desenvolver o potencial criador.

Além do incentivo em sala de aula, em outros grupos a criatividade pode ser incentivada, como no grupo familiar, no profissional, etc. No contexto profissional a criatividade por ser motivada por meio de incentivos à criação, e inovação, estimulando o desacomodar-se dos velhos hábitos, aceitando o novo. Wechsler (1998) diz que:

Podemos afirmar que os fatores que influenciam a criatividade nas empresas e a sua capacidade de inovação são os mesmos que influenciam a criatividade em qualquer área de atuação, podendo-se concluir que os componentes básicos da criatividade devem ser estimulados em todos ambientes. (p.181).

Esses estímulos também podem ser oferecidos no ambiente familiar, e escolar. No familiar, os incentivos são semelhantes, não reprimir os filhos, e incentivá-lo a criação do novo. Esses estímulos, devem fortalecer e incentivar a independência. Além desse, existem outros fatores que determinam o desenvolvimento da criatividade, como: individualidades e fatores externos, o que inclui o contexto familiar, e o interesse da criança em desenvolvê-la. Torrance (1989 apud WECHSLER,1998, p.183), destaca algumas maneiras dos pais estimularem a criatividade na criança, oferecendo brinquedos, livros e outros materiais que possam encorajar brincadeiras e pensamentos criativos; materiais de diferentes texturas, bloco, gesso, pintura; jogos de imaginação; perguntas e respostas para problemas; tempo para brincar, sonhar e imaginar; registrar suas ideias desenhando-as e compartilhando-as; valorização das produções, expondo desenhos, trabalhos em roupas, esculturas, maquetes, porcelanas etc; entre outras tantas ideias que estimulem o pensamento criativo.

Essas sugestões de incentivo a criatividade em diferentes grupos, podem auxiliar no desenvolvimento da criatividade em diferentes âmbitos. Algumas dessas sugestões

podem ser aplicadas no contexto educacional e na disciplina Arte. Além de oferecer as opções, deve-se mediar, questionando e incentivando o pensamento divergente e convergente, pois oferecer estímulos a criatividade, apenas apresentando objetos sem mediar o pensamento criativo, não é o suficiente para auxiliar no desenvolvimento da criatividade.

A Arte pode ser uma grande aliada ao desenvolvimento criativo, por incentivar o uso do imaginário, em suas diferentes linguagens, permitindo ao aluno criar sem barreiras, pois os conteúdos e linguagens componentes da disciplina, permitem o aluno dar significados a objetos, imagens, etc. Permite que o aluno imaginar e criar. Destaco aqui alguns componentes, “constitutivos dos processos de pensar”, trazidos por Guerra Martins e Picosque (1998) que são: “o imaginar, o fantasiar e o sonhar”. E afirmam que “não existe pensamento criador sem esses ingredientes.” (p.147). O imaginar, ou até mesmo o sonhar acordado, auxiliam no desenvolvimento da criatividade.

O professor pode auxiliar no desenvolvimento da imaginação de diversas formas, por exemplo: com a leitura de imagem, proporcionando ao aluno a disponibilidade de ver além da materialidade da imagem, proporcionando aos alunos a possibilidade de ressignificar obras de arte e objetos, sem trazer barreiras, etc. As autoras trazem sugestões interessantes, como a de trazer novos cenários para o contexto escolar, saindo do ambiente de sala de aula e explorando outros locais da escola, segundo elas: “expedições exploratórias pela escola e seus jardins, mesmo que sejam diminutos, ou pelos arredores, certamente abrirão oportunidades de olhar e escutar pelos olhos do pensamento, do sentimento, da percepção, da imaginação.” (p.146). Sendo assim, proporcionar aos alunos outros ambientes, outras percepções, sobre o que já conhecem, auxilia no desenvolvimento da criatividade.

Na disciplina Arte, muitos alunos libertam-se dos medos de errar, permitindo-se inovar. Como a disciplina visa proporcionar e incentivar pensamentos críticos, a inovação, a modificação de ideias antigas pode ocorrer nas aulas, em diferentes conteúdos, com as leituras de imagens, com o refletir sobre suas ideias e construir novas. Guerra, Martins e Picosque (1998) afirmam que: “a linguagem visual também

pode ser revelada à criança através de um sensível olhar pensante. O olhar já vem carregado de referências pessoais e culturais; contudo, é preciso instigar o aprendiz também para um olhar cada vez mais curioso e mais sensível às sutilezas.” (p.136). O estudante já traz, dentre suas individualidades, sua cultura, e pode ser motivado, através da arte a buscar o novo, transformando seus conhecimentos, construindo novos, ou até mesmo modificando-os.

Com a busca pelo novo, os alunos são motivados a criar soluções para os problemas apresentados. Essas soluções podem ser formuladas em diálogos, e/ou de modo visual, seguindo as metodologias mais adequadas para o desenvolvimento da criatividade, que auxiliem o professor a mediar questionamentos, para que o aluno possa ter pensamentos divergentes e convergentes. Sendo assim, a própria disciplina aborda e incentiva o pensamento inovador. Guerra, Martins e Picosque (1998) afirmam que: “para que o aprendiz possa poetizar, fruir e conhecer o campo da linguagem visual, é necessário que o professor possibilite”:

- “A prática do pensamento visual tornando visível, materializado, através da forma e da matéria.”
- “A pesquisa e a leitura da estrutura da linguagem visual e da articulação de seus elementos constitutivos: ponto, linha, forma, cor, textura, dimensão, movimento, volume, luz, planos, espaços, equilíbrio, ritmo, profundidade...”
- “A experimentação nos diferentes modos da linguagem visual: pintura, desenho, gravura, escultura, modelagem, caricatura, histórias em quadrinhos, colagem, fotografia, cinema, instalação, vídeo, tevê, informática...”
- “O manuseio e a seleção de materiais, instrumentos, suportes e técnicas e suas especificidades com recursos expressivos.” (p.136)

Essas possibilidades, que devem ser oferecidas nas aulas, promovem o desenvolvimento da criatividade, pois promovem o pensamento crítico, divergente e

convergente, possibilitando ao aluno buscar o novo, um novo olhar para um determinado assunto. A disciplina Arte traz em seu currículo, um aparato de possibilidades de auxílio ao desenvolvimento da criatividade, promovendo ao aprendiz um ambiente que possibilita a inovação das ideias.

Vemos aqui a importância da mediação do professor, que deve questionar os alunos para o desenvolvimento de pensamentos críticos, o que é importante na construção dos conhecimentos, assim ocorrendo possibilidades de exercício criativo.

Na disciplina Arte o incentivo à criatividade ocorre durante as aulas, em diferentes momentos. A promoção do pensamento criativo pode ser realizada por meio do estudo teórico e prática das diferentes linguagens, como: escultura, pintura, desenho, etc. Nos conteúdos, podem ser solicitados que os alunos visualizem imagens de obras, e nessa visualização ou leitura, como prefiro denominar, os alunos necessitam utilizar seus conhecimentos, e modificá-los para que se enquadrem em seu pensamento sobre a imagem. E na própria oralização da leitura, o leitor ou aluno expressa suas ideias gerando um processo criativo, ao refletir sobre a imagem. Além da leitura, no próprio manuseio de materiais, ou fazer artístico, é necessário um processo criativo, para enfim o ato criador. Na arte, a criatividade é incentivada de diferentes modos, mas sempre trazendo um aspecto inovador, possibilitando o aluno interpretar, sem impor conclusões aos alunos, permitindo-os pensarem, refletirem, dar novos significados, e criar sem barreiras, mas ao mesmo tempo direcionando-os por meio de mediação adequada, que auxilie na construção do conhecimento.

Além do incentivo criativo habitual das artes (e suas diferentes linguagens), a imaginação pode ser um meio significativo ao desenvolvimento da criatividade. As artes podem auxiliar, na geração de pensamentos reflexivos e inovadores, e na visualidade de ideias. Wechsler (1998) traz sugestões de estratégias que podem incentivar o desenvolvimento da criatividade, que foram muito utilizadas. Essas estratégias podem ser utilizadas em qualquer disciplina e âmbito, como por exemplo: outras disciplinas, ambiente familiar, etc.

Há algumas sugestões que podem ser utilizadas na disciplina Arte, em diferentes idades. Encontramos um exemplo que apresentamos aqui, em uma atividade chamada: A “Tempestade de ideias com visualização”, técnica criada por Osborn em 1953 que consistia em escrever ideias e soluções para os problemas propostos, utilizando auxílio do visual, que podem ser desenhos, fotografias, etc. Entretanto, há inúmeros livros que apresentam estratégias de atividades de estímulo ao pensamento criativo, propondo questões e situação para resolução de problemas, entre outras atividades de cunho artístico e criador.

Essa é apenas uma sugestão que pode ser utilizada em sala de aula, na disciplina Arte. O incentivo a criatividade, pela disciplina Arte ocorre, em praticamente todos assuntos abordados. Existem outros fatores que podem influenciar para que ocorra o desenvolvimento da criatividade em sala de aula, como o ambiente escolar, o professor, modelos de ensino que serão abordados a seguir.

Para auxiliar no desenvolvimento da criatividade dos alunos, o professor também necessita ser criativo, trazer ideias e propostas diferentes das habituais, exercitar, desenvolver sua criatividade.

A disciplina Arte traz ao aluno a possibilidade de desenvolver habilidades e competências criadoras e criativas, permitindo a construção de pensamentos divergentes, ampliando as possibilidades, e buscando soluções de modo criativo. O próprio ambiente é propício a formação de pensamentos criativos, em que o aluno sai do contexto habitual de ensino e amplia suas possibilidades de criação.

5.2 A criatividade no contexto educacional: estímulos criativos.

Quando pensamos em desenvolvimento da criatividade em ambiente escolar, logo nos questionamos sobre os modelos de ensino atuantes, e os professores que, em grande parte, acabam por enfatizar a aprendizagem “exata”, desvalorizando muitas vezes, a criatividade. Para auxiliar o desenvolvimento da criatividade, o ambiente precisa ser criativo. Wechsler (1998) afirma que “todo indivíduo necessita, para poder

expressar seu potencial criativo, de um ambiente encorajador à criatividade. Esse ambiente pode existir na família, no trabalho ou na escola.” (p.14).

Promover um ambiente que seja acolhedor as ideias, é um dos passos para tornar a escola um ambiente incentivador da criatividade. Além dos incentivos verbais, a escola pode tornar-se um ambiente criativo, modificando a estrutura habitual. O sair da rotina, permite que os alunos vejam por outro ângulo os mesmos objetos.

Além do ambiente criativo, um professor mediador pode auxiliar no desenvolvimento da criatividade. Torrance (1975 apud WECHSLER, 1998, p.193), em sua pesquisa para diferenciar alunos criativos de não criativos, constata que a maioria dos professores tem preferência por alunos obedientes e sociáveis. As características selecionadas pelos professores foram: “Altruístas, afetuosos, cortês, faz as tarefas a tempo, saudável fisicamente, trabalhador, social, sincero, tem senso de humor, obediente, quieto.” Como pode-se perceber, algumas características não fazem totalmente parte de uma personalidade mais criativa. As características que não tiveram tanta preferência pelos professores foram: “Questionador, gosta de adivinhar, independente nos julgamentos, perturbador da ordem, emocionalmente sensível, intuitivo, persistente, procura falhas, independente de pensamento.” (p. 193). Aqui percebemos que algumas dessas características envolvem um sujeito mais criativo. Aquele que busca questionar, ter opiniões firmes, etc.

Em relação às disciplinas na escola, há uma supervalorização pelos conteúdos exatos, e uma desvalorização dos conteúdos que abordem mais de uma resposta. Torrance *apud in* Wechsler (1998) diz que:

A escola, premia e reforça o raciocínio lógico e convergente, onde os alunos devem sempre encontrar a melhor e única resposta para o problema ao invés de possíveis soluções que responderiam a questão, ou seja, a utilização do pensamento divergente. (p. 42).

Vemos isso no ambiente escolar, e os próprios professores acabam por motivar o pensamento mais lógico. A criatividade está presente em todas as inteligências, mas

ela pode ser ampliada, o que ocorre mais facilmente nas disciplinas sem padrões de resposta, em que o aluno pode refletir e articular pensamentos para chegar a uma conclusão, que pode ser diferente a conclusão do colega.

Um professor mediador pode auxiliar neste desenvolvimento, mediando um pensamento questionador, além de também utilizar frases motivadoras a criatividade, não reprimindo o aluno, e permitindo que os alunos possam trazer um pensamento criativo, usando a imaginação.

Um modelo de ensino que incentiva a criatividade e o Integrado criado por Clark (1986 apud WECHSLER, 1998, p.195) apresenta este modelo adaptado para o desenvolvimento da criatividade.



Figura- 01- Modelo de ensino.

A autora afirma que “a educação integrada, segundo este modelo, visa desenvolver o potencial do indivíduo como um todo e não somente o lado cognitivo, como acontece na maioria das escolas.”. Complementa que para desenvolver cada uma destas áreas, deve-se utilizar de estratégias. Para o lado cognitivo, ela explica que segundo Clarck “deve ser desenvolvido através de atividades variadas que impliquem na estimulação da curiosidade.” O lado afetivo “pode ser desenvolvido através da capacidade de empatizar e se sensibilizar diante de informações, trazendo os fatos do currículo para o real da vida do aluno.” Já as sensoriais “é feito através de atividades como tocar, cheirar, ouvir, etc. Ela complementa que “acrescentando a todas estas dimensões, existe a necessidade de se desenvolver o lado supra- racional, a imaginação, a intuição e a fantasia.” (p.196). Com a combinação desses elementos a autora acredita que poderá desenvolver-se o potencial criativo. Este modelo é um exemplo de modelo de ensino que aborda o desenvolvimento da criatividade, e pode também ser utilizado nas aulas de Arte, como por exemplo no fazer artístico, que aborda a construção de algo físico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Quando usamos a palavra criatividade, não estamos falando sobre alguém que é bom em alguma coisa, estamos falando sobre alguém que está usando as habilidades de forma inovadora.” (GARDNER, parte da fala em vídeo)

Ao iniciar este estudo, ainda haviam dúvidas em relação à compreensão sobre a criatividade estar associada a altas inteligências, e atos criativos e artísticos. As questões destacavam elementos sobre a ampliação da compreensão do que envolve a criatividade e seus processos, bem como melhorar as práticas no contexto de sala e ampliar/enriquecer as relações criativas na escola e na vida.

Essas questões foram respondidas no decorrer dos capítulos. Ao abordar os assuntos pertinentes, percebeu-se o vasto campo de questões que ainda poderiam agregar a pesquisa, mas foi necessário realizar algumas escolhas, a fim de trazer para além da disciplina Arte o assunto criatividade, buscando entender as influências sofridas e como funcionam e se desenvolvem os processos criativos. Destaca-se a importante contribuição da autora Solange Múglia Wechsler nos meus estudos, que foi muito utilizada com as suas ideias destacadas ao longo do trabalho.

A partir de pesquisa bibliográfica, pode-se buscar a compreensão destes assuntos, e entendeu-se que a criatividade ainda é um estudo em ascensão. Conforme dados encontrados na mídia⁵, ao longo desse trabalho, em 2015 a criatividade foi eleita pelo Fórum Econômico Mundial de Davos, a décima competência mais importante. Já em 2018, após ser repensado, foi elevada a terceira competência mais importante, ficando atrás somente de pensamento crítico e inovação.

Esses dados salientam a relevância de pensarmos cada vez mais no desenvolvimento criativo, sua importância em nossas vidas cotidianas e no ambiente escolar, ampliando suas possibilidades de exploração na vida.

⁵ Programa Metrôpolis - Arte e Cultura - TV cultura - exibido em 11/11/2018.

Como escritor sênior do Fórum Econômico Mundial, Alex Gray explica: “Com a avalanche de novos produtos, tecnologias e formas de trabalho, os funcionários terão de se tornar mais criativos para se beneficiar de tais mudanças”. Ou seja, a criatividade influencia e está presente nas novas profissões, solicitando dos profissionais, de diferentes áreas, o exercício da criatividade para tornarem-se sujeitos curiosos e inovadores.

As abordagens apresentadas nesse trabalho possibilitaram compreender os processos criativos em diferentes contextos, relacionando a vida e ao comportamento de pessoas. Percebeu-se que a compreensão da criatividade percorre um longo caminho de conceitos. Conhecer essas diferentes abordagens amplia o nosso olhar sobre criatividade, auxiliando os professores a entenderem que criatividade pode ser desenvolvida, e compreenderem que podem auxiliar em suas mediações para que ocorra o seu exercício, sem limitar e impor barreiras sobre os processos dos alunos, deve-se permiti-lo a imaginar. Também pode-se constatar nas diferentes abordagens sobre a criatividade e seus processos, que houve um ponto comum entre quase todas, que os processos criativos são influenciados pelos conhecimentos construídos de cada sujeito.

A curiosidade foi outro fator importante a ser mencionado, ela não deve ser vista como prejudicial ao desenvolvimento pessoal, tanto escolar como profissional, pois é estimuladora da criatividade, sempre que há necessidade de busca de algo, seja conhecimento, resposta ou outro olhar para alguma coisa. Limitar a curiosidade é interferir nos processos de busca do aluno.

A disciplina Arte abre uma infinidade de caminhos para o desenvolvimento criativo. Ou seja, com ambiente diferenciado das demais disciplinas, os modos de conhecer e interpretar sua história, e as diferentes linguagens que trazem ao aluno novas possibilidades de conhecimento, acaba por tornar-se uma facilitadora do desenvolvimento criativo. E para além do mencionado, a arte promove e incentiva o pensamento divergente, possibilitando o aluno buscar novas soluções e ideias.

A criação também torna-se fundamental na produção artística, e na construção de conhecimentos no ambiente escolar. Ela pode ser desenvolvida, e para isso deve-se incentivar o pensamento criativo em diferentes ambientes, evitando barreiras que possam reprimir o sujeito e seus processos.

No ambiente escolar podemos desenvolvê-la motivando a imaginação e a busca por respostas, desafiando o aluno. Esse desenvolvimento pode ocorrer em todas as disciplinas, com suas diferentes abordagens e conteúdos, permitindo ao professor que auxilie em seu desenvolvimento, por meio de estímulo ao pensamento criativo.

Com esta pesquisa pode-se concluir que a criatividade está presente em cada um de nós, fazendo parte de nossas escolhas diárias e da história da evolução do mundo, com inovadoras ideias e sujeitos criativos. Sabemos que a busca por solução, resposta, sobre um determinado assunto faz parte da criatividade e os seus processos criativos do sujeito, sendo assim, ela está presente em todas múltiplas inteligências, teoria abordada por Gardner (1994) que embasou esta pesquisa, e não limita-se somente aos processos artísticos. É a criatividade que move o mundo, as ideias, as pessoas, pois com ela podemos criar respostas para o desconhecido e inovar o que já conhecemos, trazendo novos significados.

A pesquisa traz para além do tópico criatividade e os seus processos criativos, uma reflexão sobre nós mesmos e sobre como nos vemos como sujeitos criativos e criadores, nos propõe a refletir de que modo podemos auxiliar estudantes a desenvolverem sua criatividade e como podemos nos ampliar criativamente como sujeitos e professores. Buscou-se investigar ao longo de toda a pesquisa, respostas para sanar dúvidas também pessoais, o que também motivou a escolha do tema de estudo, pois sempre aleguei não ser tão criativa quanto desejava, e após esse estudo percebi que a criatividade está presente em todos nós, e que devemos nos reconhecer como sujeitos criadores. E esse é apenas um sobrevoo do que ainda é necessário estudar sobre esse campo fértil que é a mente criativa do ser humano.

REFERÊNCIAS

ARTE E CULTURA METRÓPOLIS. **TV Cultura**, 11 novembro 2018. Disponível em: <http://tvcultura.com.br/playlists/111_metropolis-programas-completos_1IGIsvpv76k.html>. Acesso em: 29 nov. 2018.

AS 10 HABILIDADES que você precisará ter em 2020. **Fábrica de cursos**, [S.l., 2018?]. Disponível em: <<http://edtech.fabricadecursos.com.br/academia/10013-as-10-habilidades-que-voc%C3%AA-precisar%C3%A1-ter-em-2020-e-depois>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

BISSOLI, Michelle de Freitas. **Desenvolvimento da personalidade da criança: o papel da educação infantil**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 19, n. 4 p. 587-597, out./dez. 2014.

COCCHIERI, Tiziana. Criatividade em uma perspectiva estético- cognitiva. 2008. 109 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós- Graduação em Filosofia da Mente, Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2008.

DE MASI, Domenico. **Criatividade e Grupos Criativos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

Didatics. **O que é personalidade**. Série Conceitos em Psicologia. Brasil: Google, 2018. (2 min 52 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QmnQ-p7JHa4>>. Acesso em: 30 out. 2018.

Elaborando Projetos - Sociais e Culturais. **O que é ócio criativo?** Brasil: Google, 2017. (2 min 53 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UNbEnITLHgM>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

Fronteiras do Pensamento. **Howard Gardner**. Criatividade x inteligência. Brasil: Google, 2014. (1 m 47 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yLC707jeDKs>>. Acesso em: 23 out. 2018.

GARCÊS, Soraia Fernandes. A Multidimensionalidade da Criatividade: A pessoa, o Processo, o produto e o ambiente criativo no ensino superior. ANO. 211 f. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) - Universidade da Madeira, Portugal, ANO

GARDNER, Howard. **Arte, Mente e Cérebro**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

_____. **Estrutura da Mente A teoria das Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre: artmed, 1994.

GUERRA, M. Terezinha; MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Didática do Ensino de Arte**. São Paulo: FDT, 1998.

GUIMARÃES, Lúcie Nara. **Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner**. Espaço Aberto Ciência e Tecnologia. Brasil: Google, 2016. (12 m 53 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sfEUsLQNBfk>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

JUNGE, Lindamir Aparecida Rosa; HEINZLE, Marcia Regina Selpa. **Reflexões Contribuições na Formação de Professores em Artes Visuais**. Blumenau: Edifurb. 2018.

LUBART, Tood. **Psicologia da Criatividade**. Porto Alegre, Artmed: 2002

NICOLAU, Marcos. **Introdução à Criatividade**. João Pessoa: Ideia, 1994.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999.

_____. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

PALIERI, Maria Serena. Entrevista Domenico de Masi: O Ócio Criativo. Editora Sextante, 2000.

RODARI, Gianni. **Gramática da Fantasia**. São Paulo: Summus Editorial, 1920.

RODRIGUES, Cássia. **Construção da personalidade**. Vitória: Google, 2017. (14 m 8s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-Cr1Ze3dLec>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

SALVADORI, Mateus. **História da loucura e da deficiência**. Brasil: Google, 2018. (6 min 46 s). Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=0SibHGmaz0g&t=123s>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

TABORDA, Raul. **Processo Criativo**. Brasil: Google, 2011. (23 m 11 s) Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=TeNjbaFTzaE>>. Acesso em: 23 out. 2018.

VIGOTSKI, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WECHSLER, Solange Múglia. **Criatividade Descobrimo e Encorajando**. Campinas: Editora Psy, 1998.